

**“SER (,) QUE PODE SER COMPREENDIDO (,) É LINGUAGEM”:  
IMPLICAÇÕES HERMENÊUTICAS DA LATINIZAÇÃO DO  
PENSAMENTO DE HANS-GEORG GADAMER POR GIANNI  
VATTIMO**

[“BEING (,) THAT CAN BE UNDERSTOOD (,) IS LANGUAGE”: HERMENEUTICAL  
IMPLICATIONS OF THE LATINIZATION OF GADAMER'S THOUGHT BY VATTIMO]

**Jungley Torres**

*jungleyjf@hotmail.com*

*<https://orcid.org/0000-0002-6710-2533>*

*Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre (2021) e graduado (2016) em Filosofia pela mesma instituição/UFJF. Possui especialização em Educação (2019) pela Faculdade Alfarmerica e Ciências da Religião (2022) pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Bolsista CAPES.*

**Felipe de Queiroz Souto**

*felipeqsouto@gmail.com*

*<https://orcid.org/0000-0002-5437-2657>*

*Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, tendo realizado período de doutorado sanduíche nos Arquivos Gianni Vattimo da Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, com financiamento da CAPES (2022-2023). Mestre em Ciências da Religião (2021) e Bacharel em Filosofia (2018) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Possui especialização em Metafísica e Epistemologia pela Universidade Federal do Cariri (2022). Bolsista CAPES.*

**DOI: [10.25244/tf.v16i2.5897](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.5897)**

Recebido em: 26 de fevereiro de 2024. Aprovado em: 10 de abril de 2023

Caicó, ano 16, n. 2, 2023, p. 215-237

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v16i2.5897](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.5897)

Dossiê Gadamer



**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo  
TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

**Resumo:** O artigo visa analisar as possíveis convergências e caminhos distintos entre os filósofos Gianni Vattimo e Hans-Georg Gadamer. Neste contexto, pretende-se destacar a abordagem de Vattimo como leitor de Gadamer, endossando a visão deste último sobre a linguagem como ontologia, especialmente na tematização da historicidade. Contudo, enquanto Gadamer enfatiza a linguagem como mediação imprescindível entre ser humano e mundo, sugerindo um caminho dialógico nessa relação em direção ao fenômeno da compreensão, Vattimo interpreta o pensamento de Gadamer de maneira a afirmar que o ser é linguagem, estabelecendo uma equivalência entre ser e linguagem; este movimento vattimiano chamamos de *latinização* da hermenêutica de Gadamer, como proposto por Jean Grondin.

**Palavras-chave:** Gadamer. Vattimo. Linguagem. Ontologia. Hermenêutica.

**Abstract:** This article aims to analyze the possible convergences and divergences between the philosophers Gianni Vattimo and Hans-Georg Gadamer. In this context, the aim is to highlight Vattimo's approach as a reader of Gadamer, endorsing the latter's view of language as ontology, especially in the thematization of historicity. However, while Gadamer emphasizes language as an essential mediation between human beings and the world, suggesting a dialogical path in this relationship towards the phenomenon of understanding, Vattimo interprets Gadamer's thinking in such a way as to affirm that being is language, establishing an equivalence between being and language. We called *Latinization* of Gadamer's hermeneutics this Vattimo's interpretation, as Jean Grondin had proposed.

**Keywords:** Gadamer. Vattimo. Language. Ontology. Hermeneutics.

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo  
TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

## INTRODUÇÃO

O ponto de partida deste trabalho é a perspectiva dialógica que Hans-Georg Gadamer confere à hermenêutica filosófica. Nesse contexto, a linguagem não se limita a ser um meio (*Mittel*) no sentido instrumental, mas assume um papel fundamental como *medium*, isto é, como lugar, espaço, centro e, especialmente, meio (*Mitte*) que possibilita algo ser ou se realizar (GADAMER, 1999a, p. 662). Ao enfatizar o caráter dialógico da hermenêutica, Gadamer indica que a compreensão humana não ocorre isoladamente, mas sim no âmbito do modo como os seres humanos se relacionam com as coisas e uns com os outros. Ao compreender a dialogicidade do movimento hermenêutico, a linguagem emerge como o fundamento intermediário na relação entre o ser humano e o mundo.

Nesse itinerário, o movimento dialógico se delinea como uma constante transversal, intrínseco à hermenêutica filosófica gadameriana. Desse modo, é direcionada à compreensão de que o ser humano está permanentemente em relação, seja ao se envolver em um diálogo com uma obra literária, seja ao tecer a trama da história, seja para interagir com seus semelhantes. Destarte, é situado o fato de que o ser humano está inextricavelmente imerso em um movimento dialógico, caracterizado por uma troca constante de significados e compreensões pelo fio condutor da linguagem. Nesse contexto, não é o diálogo pelo diálogo que a hermenêutica de Gadamer busca promover, mas sim o diálogo para a compreensão, que se aprofunda progressivamente em seu movimento ascendente em direção à *coisa-mesma*.

Diante da magnitude e relevância do pensamento de Hans-Georg Gadamer, Gianni Vattimo emergiu não apenas como um tradutor habilidoso, mas também como um intérprete autêntico. Em outras palavras, a atuação de Vattimo como mediador do pensamento de Gadamer entre a língua alemã e a italiana não se restringindo à tradução passiva, mas refletindo sua própria interpretação enquanto leitor de Gadamer. Nesse contexto, é válido ressaltar que a tradução para a língua italiana realizada por Vattimo da obra *Verdade e método* constituiu um marco significativo na disseminação do pensamento de Hans-Georg Gadamer nas línguas neolatinas.

Um ponto de fundamental importância para Vattimo é a reflexão sobre o significado da vírgula na célebre frase “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*” (GADAMER, 1990, p. 478) presente na obra de seu antigo professor. Vattimo se depara com duas opções interpretativas distintas, a saber, a primeira abordagem seria manter a vírgula, indicando que entre o ser e a compreensão há o fio condutor da linguagem; a segunda opção, talvez mais ousada, consistiria em retirar a vírgula e inferir, categoricamente, que ser é linguagem. Com isso, a tradução obtida nesse caso pode ser expressa em italiano como: “*L’essere che può venir compreso è linguaggio*” (GADAMER, 1983, p. 542), que remete a frase: ser que pode ser compreendido é linguagem. A retirada das vírgulas refere-se àquilo que Vattimo menciona no seu ensaio *Historia de una coma. Gadamer y el sentido del ser* (2005) de que as vírgulas em alemão não têm um “peso ontológico” como em italiano, por envolver uma identificação sem resíduos entre o ser e a linguagem (RIPANTI, 2001, p. 76). É importante observar que essa decisão reflete não apenas uma escolha estilística, mas também uma adesão interpretativa ao pensamento de Gadamer, destacando a intrepidez de Vattimo, uma vez que Gadamer mesmo avaliou e aprovou a tradução de Vattimo. É especialmente devido a este fato que sua tradução é considerada canônica.

Neste contexto de discussão sobre a tradução da frase “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*”, a título de contextualização na pesquisa hermenêutica já realizada no Brasil, mencionamos o trabalho de Viviane Magalhães Pereira, intitulado *Sobre a tese “ser que pode ser compreendido é*

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

*linguagem”*: hermenêutica como teoria filosófica, no qual a autora indica que Vattimo é um dos intérpretes a concordar que, na expressão “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*”, há uma defesa de que linguagem é ser (MAGALHÃES, 2015, p. 169).

Neste percurso, buscaremos abordar as nuances dessa relação, examinando como as escolhas interpretativas de Vattimo influenciaram o entendimento e a recepção das ideias de Gadamer. Destarte, almeja-se explorar possibilidades interpretativas no campo da hermenêutica filosófica, vislumbrando perceber os impactos no desenvolvimento das ideias e na difusão do pensamento de Gadamer. Nosso objetivo é levar a cabo a tese de que é por meio da chamada *latinização* do pensamento de Gadamer (que Jean Grondin sugere que Vattimo opera) que se possibilita uma interpretação ontológica radical do pensamento de Gadamer, conforme proposto por Vattimo, inclusive com um peso nãilista. Para atingir nosso objetivo, nosso artigo está organizado em três momentos, a saber, na primeira parte iremos abordar a transversalidade do diálogo na hermenêutica de Gadamer para evidenciar a proposta filosófica do autor que não avança sua tese para as consequências essencialmente pós-modernas. Em seguida, abordaremos uma “nova urbanização” da ontologia que Vattimo propõe ao interpretar Gadamer e que poderá ser chamada posteriormente de *latinização* da ontologia pela influência de Grondin (2005). Por fim, iremos expor a interpretação de Vattimo sobre a frase de Gadamer “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*”; aí encontraremos a divergência entre os autores a forma como o filósofo italiano assume de modo ainda mais radical que Gadamer as consequências da hermenêutica.

## 1 A TRANSVERSALIDADE DO MOVIMENTO DIALÓGICO NA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE GADAMER: LINGUAGEM E ONTOLOGIA

A hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer enfatiza o movimento dinâmico da compreensão (*Verstehen*) como um fenômeno fundamental na experiência humana do mundo. Desse modo, sua abordagem vai além de uma perspectiva puramente objetivista ou subjetivista; em vez disso, ela percorre o caminho existencial, relacional e dialógico, que diz respeito ao modo como o ser humano experiencia o mundo, o outro e a si mesamo. Por conseguinte, a hermenêutica filosófica de Gadamer caminha em direção à ontologia, que não é simplesmente uma investigação metafísica distante ou atemporal, mas consiste numa reflexão sobre aquilo que há de mais humano em nosso modo de ser-no-mundo, a saber, o fenômeno da compreensão enquanto experiência humana mundano-concreta.

Em sua obra magna, *Verdade e Método* (1990), Gadamer não limita sua hermenêutica à pretensão metodológica *stricto sensu*, isto é, ele não empreende a sua hermenêutica apenas como uma técnica de interpretação. Dentre as influências mais imediatas do autor (1999a, p. 36), podemos mencionar a conscienciosidade da descrição fenomenológica de Husserl; a abrangência do horizonte histórico, onde Dilthey situa o filosofar; e os impulsos em direção à ontologia, cuja iniciativa é derivada de Heidegger. Neste contexto, é importante mencionar que Heidegger contribui decisivamente para o desenvolvimento de uma hermenêutica filosófica, como pode ser observado no sétimo parágrafo de *Ser e Tempo*, intitulado *O método fenomenológico da investigação*, no qual Heidegger (2012, p. 67) busca a definição do termo fenomenologia e a relaciona à hermenêutica. Nesse contexto, ele busca a raiz do termo na gramática grega, onde *Phainomenon* ou

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”: implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo**

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

*phainesthai* são traduzidos como “aquilo que se mostra”. A palavra *Pha* tem etimologia próxima a *phos*, que significa brilho ou luz (deixar-se luzir, deixar-se mostrar), representando assim a condição para que algo se manifeste, tornando-se, assim, compreendido. Desse modo, diante da herança direta de Heidegger, Gadamer (1999a, p. 16) reconhece que: “A compreensão não é um dos modos de comportamento do sujeito, mas o modo de ser do próprio *Dasein*”. Portanto, o fenômeno da compreensão<sup>1</sup> precede o método, sendo algo mais originário, configurando-se como a característica vital humana de ser-no-mundo. Neste sentido, no pensamento de Gadamer, destaca-se a importância ontológica das experiências de verdade extrametódica, ressaltando que a compreensão é constitutiva da estrutura da existência e está relacionada à totalidade da experiência humana no mundo (DI CESARE, 2013, p. 57).

Desse modo, a ênfase da hermenêutica filosófica de Gadamer reside na análise dos fenômenos subjacentes ao ato de compreender e interpretar, os quais se originam das circunstâncias específicas em que ocorre o fenômeno da compreensão. Neste sentido, este tópico situa a abordagem da hermenêutica filosófica de Gadamer na guinada da epistemologia da interpretação à ontologia da compreensão pelo fio condutor da linguagem. Em outros termos, a hermenêutica filosófica, ancorada no fenômeno da compreensão, está entrelaçada com a totalidade de nossa existência no mundo; mais precisamente, ela é a condição humana de sermos no mundo, de estarmos e de relacionarmos com o mundo, com as coisas, com o outro e conosco mesmos.

Nesse sentido, Gadamer propõe que a compreensão é um fenômeno ontológico, enraizado na existência humana. Por isso, as pretensões de Gadamer (1999a, p. 14) dizem respeito a intenção filosófico-ontológica, pois: “O que está em questão não é o que fazemos ou que deveríamos fazer, mas o que nos acontece além do nosso querer e fazer”. Desse modo, a hermenêutica filosófica de Gadamer não se limita a ser uma técnica manipulável e aplicável a todas as situações, mas leva em pauta a historicidade, a tradição, a diferenciação, a fusão de horizontes (*Horizontverschmelzung*), o modo dialógico e relacional dos seres humanos serem uns com os outros. Logo, o fenômeno da compreensão não pode ser designado como uma atividade isolada, mas sim como parte integrante de quem somos (GADAMER, 1999a, p. 392).

Neste desiderato, percebe-se que o fenômeno da compreensão não é uma busca por uma verdade objetiva ou absoluta, mas uma participação ativa do sujeito/intérprete no diálogo interminável entre as tradições. Desse modo, em Gadamer, “o ser humano é um ser cuja existência se confunde com compreensão e consiste em um ente cujo existir é essencialmente compreensivo” (KAHLMAYER-MERTENS, 2017, p. 62). Consequentemente, Gadamer rejeita a ideia de que podemos atingir uma compreensão neutra da realidade, destacando que sempre trazemos nossas próprias perspectivas e conceitos prévios, isso caracteriza nossa pré-compreensões enquanto movimento dialógico nas diversas situações humanas no/do mundo (GADAMER, 1999a, p. 403). Desse modo, Gadamer eleva sua hermenêutica ao patamar ontológico ao elaborar uma via alternativa para o genuíno encontro entre ser humano e mundo, reconhecendo o pano de fundo histórico, aquilo que Heidegger conceitua como *Überlieferung* (a tradição-transmissão), que é

---

<sup>1</sup> Pode-se perceber no verbete *compreender*, do *Dicionário Heidegger* de Michael Inwood, que *Verstehen* implica a “concepção clara de uma coisa como um todo”. *Verstehen* é, assim, diferente de *begreifen*, “entender” (conceitualmente): pode-se compreender ser sem entendê-lo, mas não se pode entender ser sem compreendê-lo (XXIV, 18, 117; XXXI, 43). A *compreensão* não é “um tipo particular de saber, distinto de outros tipos, tais como explicar [*Erklären*] e entender, nem é saber no sentido de conceber algo tematicamente. [...] Toda explicação, como uma descoberta de *compreensão* daquilo que não compreendemos, enraíza-se na compreensão primária de *Dasein*” (INWOOD, 2002, p. 18).

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

inerente à nossa pré-compreensão, conforme Richard Palmer (1969, p. 186) reitera: “Não pode haver qualquer interpretação sem pressupostos”.

Nesse contexto dialógico e relacional entre ser humano e mundo, a linguagem ocupa um lugar central na hermenêutica gadameriana e representa o fio condutor na guinada hermenêutica em direção à ontológica. Aqui é importante mencionar que a linguagem não é apenas expressão verbal, mas é o *medium* pelo qual a compreensão acontece diante da relação humana com algo ou alguém; mais precisamente, a compreensão é mediada pela linguagem; é através dela que os horizontes se encontram e se entrelaçam.

Nesse sentido, Gadamer (1999a, p. 643) diz:

A linguagem não é somente um dos dotes, de que se encontra apetrechado o homem, tal como está no mundo, mas nela se baseia e representa o fato de que os homens simplesmente têm mundo. Para o homem, o mundo está aí como mundo, numa forma sob a qual não tem existência para nenhum outro ser vivo, nele posto. Essa existência do mundo, porém, está constituída linguisticamente. [...] a linguagem não afirma, por sua vez, uma existência autônoma, face ao mundo que fala através dela. Não somente o mundo é mundo, apenas na medida em que vem à linguagem - a linguagem só tem sua verdadeira existência no fato de que ela representa o mundo. A humanidade originária da linguagem significa, pois, ao mesmo tempo, a linguisticidade originária do estar-no-mundo (*In-der-Welt-sein*) do homem.

Essa passagem de Gadamer destaca a profunda interconexão entre linguagem, existência humana e sua compreensão do mundo. Desse modo, Gadamer argumenta que a linguagem não é simplesmente uma habilidade entre muitas que os seres humanos possuem; mas, antes, ela é a base fundamental da existência humana e constitui a própria condição pela qual os seres humanos têm um mundo. Outrossim, Gadamer sugere que o mundo não é simplesmente uma realidade objetiva que existe independentemente dos seres humanos. Pelo contrário, o mundo só se revela como mundo na medida em que é articulado pela linguagem. De modo enfático, a linguagem desempenha um papel ativo e intermediário entre ser humano e mundo. Portanto, a existência humana no mundo está intrinsecamente relacionada à potencialidade da linguagem enquanto meio (*Mitte*) para a realização do fenômeno da compreensão.

Mais precisamente:

Trata-se da linguagem, a partir do qual se desenvolve toda a nossa experiência do mundo e em particular a experiência hermenêutica (...) O *medium* da linguagem, por sua referência ao todo dos entes, pode mediar a essência histórico-finita do homem consigo mesmo e com o mundo (GADAMER, 1999a, p. 663).

Conforme percebido na passagem supracitada, o âmbito da linguagem é o âmbito de toda a nossa experiência do mundo. Por essa razão, a linguagem é descrita como um *medium* capaz de

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

mediar a dimensão humana histórico-finita com o mundo e sua rede de referência. Assim, constata-se que a linguagem não é uma atividade passiva, uma destreza ou algo episódico, mas é constituidora e constituinte da nossa compreensão das coisas, de algo ou de alguém. À guisa de exemplificação, a linguagem é uma parte integral da cultura, e a cultura, por sua vez, é transmitida e perpetuada através da linguagem, isto é, ao participar na linguagem de uma comunidade, tornamo-nos parte de um contexto cultural mais amplo, influenciando e sendo influenciados por suas normas, valores e tradições.

Podemos nos direcionar ao entendimento de que a linguagem, em Gadamer, não se constitui como um meio entre outros, mas o conhecimento de nós mesmos e do mundo realiza-se na e com a linguagem da qual não podemos nos desvencilhar. De modo mais enfático, a hermenêutica ontológica se torna uma investigação sobre o ser enquanto ser-compreendido na/pela linguagem. Portanto, a linguagem é ativa, constituinte e constituidora em seu *modus operandi* na intermediação entre ser humano e mundo, possibilitando que algo seja ou se realize.

Percebe-se, assim, que a intermediação da linguagem entre ser humano e mundo é concebida como evento intrínseco e indissolúvel ao modo humano de ser e de se relacionar com o mundo, na medida em que a possibilidade da experiência humana do mundo acontece na/pela linguagem; mais precisamente, ela (a linguagem) é a tessitura que relaciona o ser humano ao mundo. É através dessa complexa rede linguística que o ser humano compreende dinamicamente mundo, as coisas, o outro, e a si mesmo - sua identidade histórica. O importante é notar que a linguagem se torna uma ponte entre o ser humano e as tradições, valores e experiências compartilhadas, apresentando-se como a condição de possibilidade relacional do ser humano ser uns com os outros ou para o ser humano se situar diante da história e assumi-la de modo dialógico.

À vista disso, a transversalidade dialógica se mostra e se reverbera na hermenêutica filosófica de Gadamer. Por isso, o termo *Gespräch* parece ser basilar para Gadamer e aponta-nos o movimento dialógico que se refere à natureza interconectada e permeável do horizonte compreensivo no modo humano de ser uns com os outros, indicando que este movimento dialógico atravessa diversas esferas, como a historicidade, a cultura, sociedade e as mais diversas relações interpessoais, abrangendo múltiplas dimensões; inclusive, por isso: “Gadamer dá tanta importância aos diálogos platônicos, e, sobretudo, ao papel de Sócrates neles” (ALMEIDA; FLICKINGER; ROHDEN, 2000, p.46). Desse modo, destaca a ubiquidade e a importância do diálogo como um princípio orientador que permeia as mais variadas dimensões da experiência humana, possibilitando a realização da compreensão. Nesse sentido, conforme salienta Grondin (1999a, p. 159): “[...] a compreensão humana se orienta a partir de uma pré-compreensão que emerge da eventual situação existencial e que demarca o enquadramento temático e o limite da validade de cada tentativa de interpretação”.

No movimento do diálogo, as pré-compreensões são confrontadas, desafiadas de modo produtivo, isto é, existe um dinamismo ascendente que vislumbra novos horizontes quando uma compreensão se coloca diante da outra. Nesse caminho, é importante enfatizar que o intérprete não busca impor suas próprias ideias diante do interlocutor, mas está aberto a ser transformado pela experiência hermenêutica, isto é, a experiência relacional. Esse diálogo, muitas vezes intergeracional e intercultural, revela a natureza dinâmica e transformadora da compreensão e, por isso, o fenômeno da compreensão se coloca como algo basilar na hermenêutica filosófica. Nesse sentido, Gadamer (1999a, p. 452) destaca a importância do horizonte na compreensão: “Horizonte é o âmbito de visão que abarca tudo o que é visível a partir de um determinado ponto”, referindo-se à visão a partir da qual compreendemos e nos relacionamos com o mundo. Ademais, a compreensão não é um processo unilateral, mas sim um diálogo constante, seja entre intérprete e texto ou entre sujeito e história. As concepções prévias do intérprete, suas experiências e sua

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”: implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo**

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

cultura, interferem em sua interpretação e compreensão. Quando ocorre essa efetiva relação entre intérprete e texto, ou sujeito e aquilo que ele herda da história, possibilita-se a fusão de horizontes (*Horizontverschmelzung*), que emerge como representação desse modo dialógico, sendo capaz de promover uma compreensão mais abrangente (GADAMER, 1999a, p. 550). Cada interpretação está enraizada em um horizonte, que, por mais particular que possa ser em termos de experiência, surge no contexto do movimento dialógico. Esse movimento não visa eliminar as diferenças, mas sim transcender as limitações de perspectivas isoladas, possibilitando uma compreensão mais abrangente e profunda.

Nas palavras de Gadamer (1999a, p. 415-416):

Muito antes que nós compreendamos a nós mesmos na reflexão, já estamos nos compreendendo de uma maneira autoevidente na família, na sociedade e no Estado em que vivemos. [...] A autorreflexão do indivíduo não é mais que uma centelha na corrente cerrada da vida histórica. Por isso os preconceitos de um indivíduo são muito mais que seus juízos, a realidade histórica do ser.

Percebe-se, fundamentalmente, a interconexão entre a existência individual e o contexto histórico-social no qual cada pessoa está imersa; igualmente, o fato de que a identidade e compreensão pessoal são moldadas e contextualizadas pela história/tradição em que cada um está inserido. Desse modo, contata-se que o passado, presente e futuro se entrelaçam de maneira inextricável e dialógica. Embora a autorreflexão seja uma atividade individual, ela é apenas um momento fugaz dentro do fluxo contínuo da vida histórica; mais diretamente, existe a inseparabilidade entre o indivíduo e a história, o que conflui no movimento entre a pré-compreensão (aquilo que herdamos e molda nossa estrutura de compreensão) e o fenômeno da compreensão (o modo como assumimos aquilo que herdamos).

Portanto, ontologia e linguagem na hermenêutica filosófica de Gadamer estão intrinsecamente atravessados pelo movimento dialógico que se coloca como o cerne da hermenêutica. Neste desiderato, a compreensão humana é concebida como um processo contínuo de diálogo, no qual as pré-compreensões e compreensões são constantemente alargadas. Diante da transversalidade dialógica na hermenêutica, a temática da linguagem ocupa um lugar de destaque na abordagem de Gadamer enquanto *medium* entre a experiência humana e mundo.

O fenômeno da compreensão, em Gadamer, é conduzido pelo fio condutor da linguagem. Gadamer reconhece (1999a, p. 586) que, desde os tempos de Herder e Humboldt, o enfoque do pensamento moderno sobre a linguagem tem se direcionado para a investigação sobre como se desenvolve a naturalidade da linguagem humana em toda a extensão de suas experiências possíveis. Humboldt concebe a linguagem como uma forma de perceber o mundo, reconhecendo a união intrínseca entre pensamento e expressão verbal. Já Herder entende a linguagem como aquilo que “é desde que e como o homem se compreende *em* seu mundo, a partir e como ele experimenta o limite de sua esfera como dinâmica de sua própria constituição. A linguagem é o modo de ser do próprio homem como homem” (KIRCHNER, 2019, p. 26, grifo do autor). Gadamer compartilha dessas perspectivas, porém, de maneira singular, ele procura preservar a inseparável união entre pensamento e linguagem, tal como se manifesta no fenômeno hermenêutico, capaz de possibilitar a compreensão humana das coisas e do outro. Neste sentido, Lenio Streck (1999, p. 46) diz que:

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

“Gadamer eleva a linguagem ao mais alto patamar, em uma ontologia hermenêutica, entendendo, a partir disto, que é a linguagem que determina a compreensão e o próprio objeto hermenêutico”.

Neste percurso, a hermenêutica, em Gadamer, caminha em direção à ontologia e encontra sua fundamentação na linguagem. Assim, percebe-se o “giro ontológico” (*ontologische Wendung*) da hermenêutica pelo fio condutor da linguagem, de acordo com Gadamer (1999a, p. 674), mas é bem verdade que Vattimo (2005) entenderá que esse “giro ontológico” de Gadamer não é ontologicamente radical, pois não se assume as consequências niilistas (e pós-modernas) dessa proposta. Na perspectiva de Gadamer, a linguagem se configura como a própria experiência humana de mundo acontecendo, linguagem e compreensão abarcam tudo o que, de um modo ou de outro, nos envolve e com que nos relacionamos. A linguagem se realiza na compreensão e a compreensão acontece *na e pela* linguagem (ROHDEN, 2003, p. 235). Percebe-se, assim, que a linguagem, para Gadamer, é o *medium* pelo qual a compreensão é alcançada, e, portanto, fundamentar uma hermenêutica filosófica ou ontológica na linguagem implica reconhecer que nossas experiências são, fundamentalmente, mediadas por ela. Desse modo, ao adentrarmos na possibilidade da fundamentação de uma hermenêutica na linguagem, deve-se reconhecer o movimento dialógico entre ser humano e mundo, em que se desponta o fenômeno da compreensão e interpretação do mundo que nos circunda. Por isso, o movimento dialógico na linguagem estabelece a compreensão de que a linguagem não é apenas um meio de expressão, mas constitui o próprio substrato do pensamento humano em seu modo de ser e se relacionar.

Desse modo, Gadamer concebe a linguagem como a mediação necessária nas múltiplas relações do ser humano com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Sua hermenêutica filosófica, fundamentada em uma perspectiva dialógica, enfatiza o diálogo como um caminho imprescindível para alcançar a compreensão. Reitera-se que o diálogo não se limita a uma mera conversa; é uma ação direcionada ao outro, em que diferentes perspectivas são ponderadas e questionadas em busca de um entendimento mais profundo. Assim, Gadamer (1999a, p. 70) reconhece o diálogo como um princípio central na busca humana pela compreensão e diz: “Se trata do ser humano que compreende o outro”. Portanto, o diálogo representa o vivo encontro entre os seres humanos e a busca pela compreensão mútua e pela obtenção de um entendimento mais profundo das coisas.

Se o fenômeno da compreensão é o resultado de um processo que se estende ao longo do tempo, então, constata-se que compreender é um contínuo diálogo, que herdamos, assumimos, dialogamos, interpretamos e buscamos, cada vez mais, uma compreensão mais profunda intermediada na linguagem. Desse modo, a linguagem, como meio/mediadora desse contínuo diálogo articula a vivência do ser humano e mundo, possibilitando-o a experiência das coisas que estão ao redor. A hermenêutica filosófica caminha em direção à ontologia pelo fio condutor da linguagem, na medida em que ela é inseparável da existência humana e está intrinsecamente vinculada ao modo como percebemos nossa própria existência e a realidade circundante.

Em síntese, a linguagem, ao desempenhar seu papel como *medium*, destaca-se como ‘espinha dorsal’ que intermedia o ser humano ao seu entorno, possibilitando significados interpretativos e compreensivos profundo à experiência ontológica mundano-concreta. Destarte, o movimento dialógico se mostra transversal na hermenêutica filosófica de Gadamer, na medida em que ele evidencia que o ser humano está sempre em relação, seja ao dialogar com uma obra literária, seja na tessitura da história ou na interação com o outro, o fato é que o ser humano está constantemente imerso em um movimento de diálogo e isso só é possível pelo fio condutor da linguagem. Portanto, ao considerarmos a transversalidade dialógica e relacional intrínseca à hermenêutica filosófica engendrada por Gadamer, é crucial identificar a linguagem como ponto médio e o fio condutor da experiência humana do mundo.

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo  
TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

## 2 PARA ALÉM DA URBANIZAÇÃO DA ONTOLOGIA: O PROJETO DO *PENSIERO DEBOLE* DE GIANNI VATTIMO

Gianni Vattimo, o recém-falecido filósofo italiano que foi aluno de Gadamer em seus anos de estudo na Universidade de Heidelberg na Alemanha, estabelece um diálogo importante com a obra do seu mestre, na medida em que, endossa a posição de Gadamer a favor da linguagem, embora se distancie de Gadamer no tema entre ser e linguagem, assunto que trataremos adiante. Em 1969, Vattimo terminou a tradução do alemão para o italiano da obra *Verdade e Método* de Gadamer, versão que foi não apenas traduzida para o italiano, mas reinterpretada por Vattimo, assimilando as posições de Gadamer e discutindo com ele sua própria filosofia (VATTIMO; PATERLINI, 2018, p. 49). A amizade entre Vattimo e Gadamer durou até a morte do filósofo alemão e foi testemunhada por cartas, telefonemas e visitas de ambos. O próprio Gadamer reconheceu a qualidade do pensamento de Vattimo em Heidelberg, numa ocasião ele teria dito após a conferência do turinense: “Este é um verdadeiro discurso filosófico” (VATTIMO; PATERLINI, 2018, p. 49).

Aliado à leitura que faz de Heidegger, Vattimo entende que o problema da linguagem é um problema ontológico, isto é, a linguagem constitui a experiência humana do mundo. A ontologia que Vattimo se apropria é aquela originada no interior da obra de Heidegger com a qual se entende o ser não como algo a-histórico e peremptório, mas como um evento, *Er-ignis*, ou numa melhor tradução: acontecimento de “expropriação-apropriação” como posto pelo próprio Vattimo (1989, p. 107; 1988, p. 174)<sup>2</sup>. Pensar o ser como evento refere-se a girar a ontologia em direção à historicidade humana, o ser acontece na história do ser humano e não é definido como um ente fora do círculo de compreensão do *Dasein*.

Esse giro da ontologia só pode ser realizado na medida em que o ser é pensado em sua diferença. O conceito de diferença já utilizado em *Ser e tempo* e repetido na grande parte das filosofias continentais quer expressar que há uma diferença ontológica entre ser e ente. Segundo Heidegger, o grande erro do pensamento metafísico é justamente não pensar nesta diferença. Aquilo que ele chama de esquecimento do ser é, sobretudo, esquecimento da diferença ontológica entre ser e ente. Ao esquecer-se do ser, a metafísica privilegia a posição do ente e entende o ser como o *ente mais ente*, assim, temos na tradição filosófica a adequação do ser aos significantes de ideia, Deus, razão e, mais recentemente, vontade. Essa é, inclusive, a definição que Vattimo (1989, p. 63) segue lendo Heidegger e que pode ser vista na sua obra *Introdução a Heidegger* quando afirma: “metafísica é todo o pensamento ocidental que não soube manter-se ao nível da transcendência constitutiva do *Dasein*, ao colocar o ser no mesmo plano do ente”. O que o filósofo italiano quer endossar com sua afirmação pode ser esclarecido em duas partes: 1) a metafísica é o pensamento que se esquece do ser, assim, ela pensa ser como ente; 2) a metafísica desconsidera a transcendência constitutiva do *Dasein*, o que isso significa, é que o pensamento metafísico não leva em consideração a temporalidade do *Dasein*. A conclusão heideggeriana sobre a ontologia é que não se pode pensar

---

<sup>2</sup> A proposição de *Erignis* como *expropriação-apropriação* se encontra na obra de Vattimo em seus textos dedicados ao estudo de Heidegger. Além das obras referenciadas, a saber, *As aventuras da diferença* (1988) e *Introdução a Heidegger* (1989), ainda vale a menção ao título não publicado em português: *Essere, storia e linguaggio in Heidegger* republicado em *Scritti filosofici e politici* (2021), no qual o conceito aparece constantemente.

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

ser sem a temporalidade, isto porque o tempo constitui o *Dasein* e, por consequência, sua forma de acesso ao mundo. Ser só pode ser no tempo.

Vattimo (1989, p. 69) ainda define a diferença ontológica como “aquela pela qual o ser se distingue do ente e o transcende, pois é a luz em que o ente se torna visível”. Se a temporalidade constitui o *Dasein* e é ele quem acessa os entes, então esse acesso aos entes se dá numa dimensão temporal aberta a ele. O espaço aberto (*Lichtung*) no qual os entes se dão é o ser, que transcendendo o ente o torna visível. Por isso a diferença ontológica é tão importante, ela põe o limite entre a abertura e a coisa como tal, entre ser e ente. Confundir o ente como ser é entendê-lo como espaço aberto de si e para si mesmo que é aquilo que os filósofos chamaram, de modo simplificado aqui, de *essência*. Entender o ser como evento ou como abertura tem mais sentido quando trazemos à luz o conceito de história do ser com o qual Heidegger e Vattimo caracterizam a metafísica ocidental. De um lado, a história do ser significa as diversas definições que o conceito de ser teve referindo-se aos entes, de outro lado, a história do ser significa que o ser pertence à história e, por isso, ao tempo. Vattimo explica: “o estar-aí [*Dasein*] não se define atendendo a propriedades, pois não é outra coisa que a abertura histórica que o constitui. Tal abertura, que não lhe pertence, mas à qual ele próprio pertence, é a história do ser” (VATTIMO, 1989, p. 82). O que temos com essa posição de Vattimo é que pensar a história do ser significa entender o ser na abertura que constitui o *Dasein*, quer dizer, ao estar-no-mundo, o *Dasein* abre para si uma região de entes no qual eles vêm à presença, no qual os entes ganham significado, nomes, modos de uso e entre outros. No entanto, essa abertura não é realizada pelo *Dasein* de modo aleatório, ela está referenciada à tradição à qual o *Dasein* pertence e que o antecede. Essa tradição é transmissão (*Überlieferung*). O *Dasein* recebe de sua tradição as condições para a interpretação e essa condição vem por meio da linguagem. Gadamerianamente, Vattimo concorda que a linguagem é o “meio” pelo qual o *Dasein* diz o ser, mas, veremos adiante, que a linguagem é o ser. Rogi Thomas (2023, p. 39) explica essa posição vattimiana no *The Vattimo Dictionary* pontuando que:

Assim como Heidegger e Wittgenstein, Vattimo considera a linguagem como a casa do Ser. Para Gadamer, Ser que pode ser compreendido é linguagem. Para Heidegger, essa dissolução do Ser na linguagem resolve o Ser nos eventos da linguagem. Para Vattimo, isso torna a linguagem o local da mediação total de toda experiência de mundo. Em consequência, cada ocorrência do Ser é caracterizada como aquilo que fala ao indivíduo, ao invés de ser aquilo de que o indivíduo fala. Então, a linguagem é o lugar, a concreta realização do *ethos* coletivo de uma “sociedade historicamente determinada”. A linguagem é a emergência do ser dessa sociedade.

Com Vattimo, a questão da ontologia se torna um problema da comunidade que fala sobre o ser. Isso já estava visível nas preocupações de Heidegger e no projeto gadameriano, no entanto, para recuperarmos a interpretação de Habermas sobre Gadamer, podemos afirmar que Vattimo “urbaniza” ainda mais que seu professor a ontologia heideggeriana na medida em que o ser não consegue escapar de uma determinação histórica que está atravessada por condições ônticas como a política, a cultura, a religião, entre outros, mas que só pode ser vista à luz do ser próprio. Nós já temos de forma resumida o esquema daquilo que Vattimo entende por ontologia: o pensamento sobre o ser que não se esquece da diferença ontológica e, por isso, propõe pensar ser como acontecimento (*Ereignis*). Esse acontecimento “se dá” (*Es gibt*) num horizonte histórico no qual o

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”: implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo**

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

*Dasein* está projetado e pelo qual recebe de sua tradição a condição para a interpretação, isto é, para a abertura de mundo. Interpretar é abrir um mundo. O mundo aberto pelo *Dasein* é mediado pela linguagem, na qual ser acontece. Toda abertura de mundo, isto é, toda interpretação é uma emergência do ser. A “urbanização vattimiana” da ontologia corresponde a esse aspecto de emergência: o ser *emerge* em uma comunidade de falantes, assim, ser é aquilo que é comunicado num diálogo, ou melhor, numa conversação. A essa hipótese, podemos acrescentar a própria afirmação de Vattimo em *Para além da interpretação* (1999, p. 16): “tal urbanização só é bem-sucedida se não se esquece o aspecto ontológico, mais especificamente heideggeriano, do discurso”.

É bem verdade que esse percurso operado por Vattimo (1999, p. 19) pode ser visto atrelado àquilo que ele entende sobre a hermenêutica ser “uma verdade radicalmente histórica”, quer dizer, a hermenêutica está na contramão daquela interpretação de mundo que pretende à objetividade: a metafísica. Vattimo escreve (1999, p. 19): “As razões para preferir uma concepção hermenêutica a uma concepção metafísica estão na herança histórica para a qual arriscamos uma interpretação e à qual damos uma resposta”. Neste sentido, todo acontecimento historiográfico necessita de uma interpretação dos fatos que não leva o acontecimento à objetividade, mas a uma resposta possível historicamente aos intérpretes dos fatos. Assim, a posição de Nietzsche (2005, p. 26-27) no aforisma 22 de *Além do bem e do mal* comumente usada por Vattimo (1999, p. 19) e resumida em “não há fatos, somente interpretação, e também isto, claro, é uma interpretação”, é a centralidade dessa ontologia hermenêutica pensada pelo filósofo italiano. Note-se ainda que essa centralidade é niilista. Portanto, o que temos desenvolvido com Vattimo é uma ontologia hermenêutica niilista e é, por meio deste niilismo, que Vattimo irá interpretar Gadamer.

Esse niilismo da hermenêutica, Vattimo (1999, p. 19) exemplifica com o anúncio nietzscheano da morte de Deus no aforisma 125 de *A gaia ciência*. Ali, “o anúncio da morte de Deus é realmente um anúncio”, não quer dizer que Deus deixou de existir ou que nunca tivera existido e agora nós podemos testemunhar objetivamente este fato, mas antes, que a ideia interpretada de um Deus que funcionava como um regente da moral e da segurança do mundo não é mais necessária. Os próprios fiéis são os responsáveis pela morte de Deus, justamente porque eles reconhecem a mentira que criaram e da qual não precisam mais. Com a morte de Deus, também se torna inviável pensar a realidade do “mundo verdadeiro”, este torna-se apenas fábula, interpretação. Essa passagem niilista da hermenêutica vattimiana é importante porque ela será a responsável para a recuperação hermenêutica da imagem de Deus que Vattimo consegue fazer com sua proposta de um cristianismo não religioso, o qual também é niilista, pois opera na lógica da *kénosis*, o esvaziamento de Deus.

Mas o traço niilista da hermenêutica de Vattimo também tem outro papel: previne a hermenêutica de se tornar uma metateoria da história da interpretação que pode ser aplicada a cada cultura de forma relativa e, inclusiva, utilizada como uma *koiné* do mundo contemporâneo<sup>3</sup>. O niilismo da hermenêutica significa que nenhuma interpretação pode ser a interpretação definitiva, mas é uma entre outras. Por isso, Vattimo recupera de Nietzsche a ideia de fábula, o mundo é aberto pelo *Dasein* quando ele fabuliza, isto é, quando interpreta o mundo ao seu redor por meio da linguagem. O termo alemão que Nietzsche utiliza e que Vattimo faz alusão é *Sage*, isto é, aquilo que

<sup>3</sup> *Koiné* é o termo com o qual Vattimo define a popularização da hermenêutica nos anos 80 para fora da própria filosofia. A hermenêutica passou a ser utilizada ali como a “língua comum” das ciências humanas, tal como havia sido o estruturalismo anos antes (VATTIMO, 1989, p. 55-60). Esse fato tornou a hermenêutica um conceito difuso (VATTIMO, 1999, p. 13). A partir dessa constatação, Vattimo advoga a favor de uma conceituação mais precisa de hermenêutica, além de buscar as origens para a classificação da hermenêutica como *koiné* que, ainda vale dizer, não é de todo problemático, já que leva a hermenêutica filosófica à popularização e exige que ao mesmo tempo resgate “aquela filosofia que se desenvolve ao longo do eixo Heidegger-Gadamer” (Ibid., 14).

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

é dito, falado, comunicado. O niilismo “chama-nos a uma experiência *fabulizada* da realidade, que é, também, nossa única possibilidade de liberdade” (VATTIMO, 1996, p. 16, grifo nosso). Aqui já se torna mais claro o interesse de Vattimo por identificar a história do ser com a história do niilismo, a história da metafísica com a história do nada, e isso tem um duplo sentido: de um lado é a afirmação de que a metafísica é um discurso sobre o nada na medida em que o ser foi esquecido e dele *nada* foi dito, de outro lado, corresponde ao fato de que o niilismo é nosso destino, já que sobre o ser não podemos mais pensá-lo como um ente, ele agora deve ser pensado sem a ideia de fundamento, mas como *des-fundamento*, *Ab-grund*, abismo e, por isso, “o niilismo é interpretação” (VATTIMO, 1996, p. 26).

O abismo do ser do qual Vattimo fala recuperando a metáfora heideggeriana sugere que a condição de ser-lançado do *Dasein* é incapaz de se apropriar de uma definição peremptória de ser, já que no abismo, no *Ab-grund*, todo fundamento colapsa. Não há um fundamento, *Grund*, a ser identificado como causa originária de todos os outros entes, essa condição à qual o *Dasein* está disposto é a condição própria de sua liberdade e, para repetir o texto supracitado, é “nossa única possibilidade de liberdade”; assim, a liberdade é o próprio fundamento, tal como sugere Heidegger (2018a, p. 187) em *A essência do fundamento* (1929/2018a): “*A liberdade é a razão do fundamento* (o fundamento do fundamento)”. Abismo e liberdade figuram como a condição de possibilidade na qual o ser é dito, o ser acontece no abismo/liberdade do *Dasein* porquê ser é sempre possibilidade, *ser é poder-ser*.

É partindo desta compreensão de ontologia que Vattimo designa seu projeto filosófico como *pensiero debole* (que fica melhor traduzido como *pensamento enfraquecido*). A proposta do *pensiero debole* nasceu com a publicação do livro *Il pensiero debole* (1983) organizado por Gianni Vattimo e Pier Aldo Rovatti, no qual se defende um pensamento não sistemático e não metafísico que assume sua característica hermenêutica e leva a cabo o enfraquecimento de toda estrutura “forte” (isto é, metafísica) do pensamento. Esse enfraquecimento se deve à escuta dos envios (*Ge-Schick*) da tradição (*Überlieferung*) aos nossos ouvidos contemporâneos, uma escuta que não é uma simples aceitação da mensagem do passado, mas que deve ser tomada como *pietas*, a disponibilidade para acolher a mensagem e ser capaz de transformá-la; tal como indica Andrzej Zawadzki (2023, p. 150), *pietas*

é uma atitude que emerge do colapso da tradição metafísica, baseada sobre os conceitos de essência, substância, objetividade, “mesmidade” e “o próprio”. Compreendida como tal, *pietas* é amor por toda coisa que vive, e pelos vestígios, tanto os herdados do passado quanto a nossa própria tradição.

Para exemplificar o significado desse conceito, no ensaio *Dialettica, differenza, pensiero debole* publicado no livro *Il pensiero debole*, após comentar o sentido de revolução em Walter Benjamin, Vattimo (1983, p. 27) utiliza da figura do anjo de Paul Klee que acumula as ruínas da tradição debaixo dos pés e afirma que “é a piedade por estas ruínas o único movimento verdadeiro da revolução”. Quer dizer, a *pietas* como piedade do *pensiero debole* é uma atitude de aceitação e expropriação dos monumentos e dos vestígios da nossa tradição, a hermenêutica da piedade funciona como o pensamento que só consegue referir-se a si mesma no interior de uma tradição, não se constitui como uma teoria fora da história, mas como um conhecimento engajado historicamente. Não é por acaso que a hermenêutica de Vattimo tem uma virada política importante

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

que se faz notar mais precisamente após suas publicações datadas de 2000 em diante. Em *Da realidade*, Vattimo (2019, p. 175) dá ênfase à hermenêutica como *práxis* que quer escutar a voz dos silenciados da sociedade e que estão esquecidos, tal como o esquecimento do ser pela metafísica, afinal,

Não há verdade se não no diálogo entre os humanos; é no diálogo que acontece o Ser. E esse diálogo requer, antes de tudo, que sejam escutados os que por muito tempo foram emudecidos pelas estruturas de domínio. Dar a palavra aos excluídos é a única maneira não místico-mistificante de escutar a voz do Ser para além da metafísica, que a confunde com a ordem dada pelo ente.

A tentativa de Vattimo em conectar os pressupostos filosóficos da obra heideggeriana com aqueles que há muito estão esquecidos pelo pensamento dominante significa, ainda heideggerianamente, um “auscultar” o que tem o ser a nos dizer. Isso seria a “urbanização” completa da empresa heideggeriana, mas também uma forma bem positiva na leitura de Vattimo (2023, p. 211) de tirar Heidegger de uma leitura místico-poética comumente realizada; essa sua tarefa é claramente visível em *Da realidade*. Por isso, Vattimo ainda vai chamar o pensamento enfraquecido de pensamento dos fracos que escuta o silêncio dos vencidos. Essa ideia também está desenvolvida em *Comunismo hermenêutico: de Heidegger a Marx* (2012), obra escrita por Vattimo e Zabala (2012, p. 146), no qual os autores tentam pensar o projeto político da hermenêutica e eles assumem que:

O pensamento enfraquecido se converte em uma teoria (forte) do enfraquecimento como um sentido interpretativo da história, um sentido que se revela como emancipador devido aos inimigos que atraiu. O pensamento enfraquecido pode ser exclusivamente o pensamento dos fracos, sem dúvidas, não o das classes dominantes, que sempre trabalharam para manter e não pôr em questão a ordem estabelecida do mundo.

O pensamento enfraquecido após a sua “virada política” quer ser, portanto, uma voz de resistência diante às inúmeras opressões e aos diversos modos de silenciamento (violência), esquecimento e apagamento dos mais vulneráveis da sociedade. Diante as ruínas, o anjo de Paul Klee olha com *pietas* para os fracos da história, aqueles que de fato conseguem gerar alguma revolução positiva, porque são capazes de reinventar criativamente o mundo. Esse é o papel da hermenêutica como *práxis*: criar uma outra possibilidade de mundo e isso só é possível no interior da liberdade, quer dizer, fora da estabilidade metafísica que a política global enquadrou a interpretação (VATTIMO; ZABALA, 2021, p. 25-68). Diante disso, o pensamento hermenêutico de Vattimo vai além de uma teoria da hermenêutica, constitui-se como uma ontologia da atualidade e quer escutar/interpretar o ser na história. Vattimo consegue ver a metafísica para além de seu domínio teórico. Ele quer enxergar a violência causada por esse sistema de pensamento e libertar o ser humano para uma potência interpretativa; esse é o mesmo desejo do niilismo consumado

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo  
TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

nietzscheano, por exemplo. A ontologia hermenêutica niilista de Vattimo só pode ser uma ontologia daqueles que foram calados pela metafísica, mas que agora *falam o ser*.

### 3 O PROBLEMA DA VÍRGULA: A LATINIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE GADAMER POR VATTIMO

Neste tópico, voltamos nossa atenção para a frase que representa a tese de Hans-Georg Gadamer, apresentada em sua obra *Verdade e Método*: “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*”. Gianni Vattimo foi pioneiro na tradução desta obra e responsável direto para disseminação do pensamento de Gadamer para as línguas neolatinas e para a internacionalização da obra do filósofo, já que a versão italiana de *Verdade e Método* foi a primeira a ser lançada. Diante da dificuldade de traduzir do alemão uma obra tão complexa, Jean Grondin (2007, p. 239) em seu ensaio *Vattimo e la latinizzazione dell'ermeneutica. Perché Gadamer há resistito al postmoderno?* publicado no livro *Una filosofia debole* (2005), reconhece que o filósofo italiano contribuiu para uma “latinização” da hermenêutica de Gadamer. Essa latinização que decorre daquela chamada urbanização que apresentamos aqui tem uma consequência hermenêutica: o problema da vírgula que surge com as traduções da máxima de Gadamer só se faz ver nas línguas latinas e, por isso, falar de uma latinização da hermenêutica neste caso faz todo o sentido.

Ainda, Vattimo sugere, como veremos, que Gadamer não desenvolve radicalmente o significado ontológico de sua hermenêutica, já que ele não assume prontamente que ser é linguagem, embora a frase a ser analisada neste artigo possa sugerir essa conclusão. No entanto, Vattimo só vai chegar a essa problemática quando desenvolve a sua tradução de *Verdade e Método*, pela qual poderá ver que em italiano (no seu caso) manter ou retirar as vírgulas da frase pode alterar completamente o significado originário dela. Assim, também a tradução passa a ser uma interpretação do tradutor. Mas fato é que só por essa latinização da hermenêutica de Gadamer, a qual Grondin diz que Vattimo é o responsável, que vem à tona essa equiparação entre ser e linguagem na obra do filósofo alemão. Consequentemente, a latinização da hermenêutica se fará ver aqui também como uma “ontologização” heideggeriana da mesma.

Nesse contexto, no seu já mencionado artigo *Historia de una coma. Gadamer y el sentido del ser*, Vattimo (2005, p. 46) reconhece o desdobramento que ele proporciona à hermenêutica filosófica de Gadamer, dizendo que: “Tal radicalização representa um desdobramento legítimo”. Essa afirmação destaca a extensão das escolhas interpretativas feitas por ele. Essa escolha feita conscientemente por Vattimo sugere uma apreciação de sua parte e, por conseguinte, implicações filosóficas inerentes à sua escolha interpretativa, contribuindo para uma discussão mais ampla sobre a complexa relação entre compreensão, ser e linguagem.

Apesar disso, é importante ressaltar que a inserção da vírgula por Vattimo não representa, necessariamente, uma ruptura de pensamento entre ele e Gadamer, é importante considerar que sua utilização não desvincula a linha de pensamento dos dois filósofos. Em vez disso, ela corrobora para se pensar na atuação do autêntico hermeneuta, capaz de interpretar e possibilitar implicações no pensamento gadameriano sem invalidar ou desconsiderar suas bases e fundamentos. Ainda, o próprio Vattimo assume a interpretação do texto de Gadamer da forma como apresenta em seus trabalhos, sua escolha por traduzir a frase supracitada sem as vírgulas leva a discussão para um

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

caminho que o filósofo alemão não teria percebido, já que ela faz sentido “apenas” em línguas neolatinas.

No que diz respeito à relação entre ser e linguagem, a concordância entre Gadamer e Vattimo reside no reconhecimento de que a linguagem é constitutiva do ser. Contudo, mesmo compartilhando essa premissa fundamental, Vattimo, defende em suas obras que o ser é linguagem. Essa afirmativa, embora se alinhe em certos aspectos com as ideias de Gadamer e siga a mesma orientação filosófica, parece não aderir integralmente à abordagem do último. Mais precisamente, Vattimo destaca uma fusão mais imediata e direta entre ser e linguagem. Em contrapartida, o pensamento de Gadamer delinea uma perspectiva em que a linguagem atua como meio à compreensão. Essa diferença fundamental na ênfase atribuída à linguagem pode revelar uma divergência sutil, mas importante, nas percepções dos dois filósofos. É imperativo notar que essa possível divergência não deve ser negligenciada, pois evidencia a trajetória intelectual única de cada pensador. As distintas interpretações, visto que ambas as possibilidades de tradução seriam corretas, da relação entre ser e linguagem oportunizam amplitudes de abordagens no campo da hermenêutica filosófica.

Ao explorar a reflexão de Gadamer expressa pela frase “O ser que pode ser compreendido é linguagem” (GADAMER, 1999a, p. 687)<sup>4</sup>, encontra-se uma base conceitual fundamental. Nesse sentido, Donatella Di Cesare (2001, p.15) discute na obra *L'essere, che può essere compreso, è linguaggio* (2001), volume que reúne vários escritos em homenagem a Gadamer pelos seus cem anos, que tal expressão denota a ideia de que “O ser, na medida e dentro dos limites em que pode ser compreendido, é linguagem”. Essa perspectiva destaca a centralidade da linguagem na compreensão do ser. Mais precisamente, a afirmação de Gadamer implica que o ato de compreender está inextricavelmente entrelaçado com a intermediação da linguagem.

Ao explorar o pensamento de Gadamer em relação à hermenêutica filosófica, emerge uma consideração fundamental: ainda que Gadamer reconheça a importância da legitimidade na tradução e a ênfase interpretativa de Vattimo na relação entre ser e linguagem, é importante notar que Gadamer não expressa que todo ser é passível de compreensão. Gadamer, aliás, voltando ao seu dito, explica-o assim: “Quando escrevi a frase: ser que pode ser compreendido é a linguagem, quis dizer que o que é nunca pode ser compreendido totalmente, porque tudo o que uma linguagem traz consigo sempre transcende o conteúdo da expressão” (GADAMER, 2002, p. 295). Aqui, ao menos duas coisas devem ser sublinhadas: a primeira é o limite de nossa compreensão diante do ser; a segunda é que a linguagem sempre diz algo a mais do que é dito. É importante observar que o ser compreensível acontece na linguagem e a compreensão nunca se esgota. Esse não “esgotar-se” torna exequível o movimento dialógico da hermenêutica filosófica (RIPANTI, 2001, p. 49).

Ao contrário da assertiva categórica de Vattimo de que o ser é linguagem, Gadamer eleva a linguagem a um fundamento hermenêutico e ontológico ao reconhecê-la como o alicerce intermediário entre a compreensão humana e o mundo. Em outros termos, Gadamer não equivale ser e linguagem; em vez disso, ele percebe a linguagem como elemento fundamental que possibilita a interconexão entre o sujeito interpretativo e o objeto a ser compreendido. Essa visão, caracterizada como uma hermenêutica ontológica, concebe a linguagem como fundamento intermediário e possibilitador da compreensão humana. Nesse sentido, a transversalidade do movimento dialógico se torna evidente, na medida em que a hermenêutica é percebida como um

<sup>4</sup> Note-se que na própria tradução brasileira de *Verdade e Método* feita por Flávio Paulo Meurer e com revisão de Ênio Paulo Giachini, opta-se pela ausência das vírgulas. Igualmente, podemos observar, na versão em espanhol *Verdad y Método*, traduzida por Ana Agud Aparicio e Rafael de Agapito, a ausência de vírgulas: “El ser que puede ser comprendido es lenguaje” (GADAMER, 1999b, p. 567).

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”: implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo**

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

diálogo contínuo entre os sujeitos/intérpretes e aquilo que está às suas voltas no mundo pelo fio condutor da linguagem. De modo mais preciso, a hermenêutica filosófica é concebida como um diálogo ascendente e constante que é possibilitado pela linguagem.

Dito isto, se faz necessário dizer que com Vattimo essa posição de Gadamer é fortemente criticada e ele busca interpretar seu professor a partir de uma veia niilista. Essa, por sua vez, está condizente com a afirmação de que ser é linguagem, não há possibilidade de ser fora da linguagem do próprio *Dasein*. Ao traduzir para o italiano a obra *Verdade e Método* de Gadamer, Vattimo se depara com o desafio de traduzir a frase “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*”. Isso porque na língua alemã o emprego das vírgulas que separam “*Sein*” e “*ist Sprache*” é necessária para a construção da oração relativa; no entanto, quando traduzida para as línguas neolatinas a frase pode ser construída com ou sem as vírgulas (isso se faz ver, ao menos, em italiano, francês, espanhol e português), o que gerou, para Vattimo, um problema de tradução, já que antes é um problema de interpretação. Em seu já referido ensaio, o filósofo italiano comenta a problemática e defende a sua opção, qual está presente em seus comentários sobre o caso e aponta que a dualidade da tradução traz uma dualidade do sentido do enunciado, já que este “muda profundamente caso se introduza ou não uma vírgula depois de *Sein* e, por conseguinte, depois de *kann*” (VATTIMO, 2005, p. 46).

A primeira opção de tradução, empregando as vírgulas, pode ser vista em italiano como “*L’essere, che può venir compreso, è linguaggio*”. A opção por essa resolução está atrelada à postura aparentemente “inofensiva” que sugeriria a existência do ser além da compreensão ou do alcance da linguagem, o que, em suma, enfatiza o caráter ontológico da *coisa mesma* enquanto portadora de uma *linguagem do ser*. É importante dizer aqui que Vattimo (2005) assume que essa máxima de Gadamer é central para o entendimento da ontologia desse autor e o que faz é tematizar a questão do ser como a centralidade desta oração. Assim, se há alguma torção (*Verwindung*) que Vattimo opera no pensamento de Gadamer, ela estará justamente na retirada da vírgula da oração “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*” que resultará em italiano na frase “*L’essere che può venir compreso è linguaggio*” (ser que pode ser compreendido é linguagem) que se encontra na tradução italiana (GADAMER, 1983, p. 542). Aqui a interpretação muda completamente, pois infere que o ser é linguagem e, como tal, suscetível de ser compreendido. Se na primeira acepção se mantém a ideia de linguagem como *medium* para o ser, na segunda esse *medium* se converte no ser ele mesmo.

Antes de prosseguirmos com a análise do caso, é oportuno ressaltar que a compreensão que Vattimo dará à frase de Gadamer marcará toda a interpretação que ele faz desse autor e, portanto, repetimos, não é uma divergência com o pensamento de Gadamer, mas o desenvolvimento de uma hermenêutica da obra do filósofo. O “Gadamer de Vattimo” só pode ser posto em contraste com outros comentadores da obra. Com isso, Vattimo encara com extrema seriedade as implicações do pensamento do filósofo alemão e reconhece, honestamente, que está torcendo hermeneuticamente (seria esse também o sentido de *Verwindung* para o projeto do *pensiero debole?*) o pensamento de Gadamer (RIPANTI, 2001, p. 77).

Ao ler a obra do seu professor e seus respectivos comentadores, o filósofo italiano enxerga que “não há nada ou quase nada do que está escrito sobre o sentido da ‘identificação’ entre ser e linguagem em *Verdade e Método* e, nas escassas vezes que se abordou o assunto, o propósito foi até agora o de excluir precisamente o significado ontológico ‘forte’” (VATTIMO, 2005, p. 48) que essa relação poderia manter e que levará Vattimo a constatar que Gadamer não desenvolveu suficientemente suas teses hermenêuticas por receio de recair sobre uma filosofia niilista (VATTIMO, 2005, p. 53; GRONDIN, 2007, p. 243-247). No entanto, é bem verdade que esse desdobramento só será possível assumindo a interpretação vattimiana e latinizada da obra de Gadamer, já que uma interpretação mais comum do autor não permite que isso seja visto. Vattimo tentará desdobrar seus argumentos analisando enfaticamente a terceira parte de *Verdade e Método*,

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”: implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo**

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

na qual Gadamer se debruça sobre a relação entre hermenêutica e ontologia pelo fio condutor da linguagem e é nesta seção que a afirmação “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*” aparecerá. O ensaio de Vattimo que estamos seguindo aqui para demonstrar nossa argumentação pode ter seu parágrafo central logo nas primeiras páginas, quando o autor estabelece de forma clara sua posição, pela qual já vemos também sua diferença de interpretação em relação aos outros comentadores. Na íntegra, Vattimo (2005, p. 49) diz:

Uma leitura atenta da terceira parte de *Verdade e Método* demonstra que tal frase – também enfatizada de maneira muito especial por Gadamer, quando a escreve em itálico – não tem apenas o sentido banal de identificar o campo da compreensão esta espécie de ser que se nos apresenta como linguagem. De fato, seria possível extrair de verdade dessas páginas a tese de que “há” ser que *não* pode “ser compreendido”? Isto é, que “há” ser “antes” e “fora da” compreensão? Gadamer teria se esquecido até esse ponto dos ensinamentos de Heidegger e da noção mesma de “diferença ontológica”? Se há um ser fora do antes que venha à linguagem, será necessário pensa-lo como uma presença “objetiva” ainda não “compreendida” no horizonte da linguagem. Mas, precisamente, a linguagem é a (única) morada do ser. Enfim, se não se colocasse essas perguntas, poderíamos considerar como evidente o fato de que a hermenêutica deixa sem questionar o realismo ingênuo da metafísica – realismo segundo o qual existe o mundo e existe o sujeito que o observa, o qual pretende descrevê-lo ou apropriar-se dele através do “instrumento” da linguagem.

Ao menos três conclusões poderíamos tirar dessa citação. A primeira refere-se ao fato de que Vattimo realmente não acredita ser possível interpretar a obra de Gadamer como se ela quisesse propor a possibilidade de um ser fora da linguagem, já que essa proposição levaria a hermenêutica de volta àquilo que por tanto tempo a filosofia ocidental foi acometida: o esquecimento da diferença ontológica e seu conseqüente realismo. Neste sentido, o ser voltaria a ser identificado como ente e estaria numa região que o *Dasein* não conseguiria acessar pelo *medium* da linguagem. A segunda conclusão é que se pode perceber, definitivamente, que Vattimo advoga sobre a tese de que por meio da ontologia gadameriana se pode obter que ser é linguagem. Se o caso fosse outro, a hermenêutica cairia sobre o realismo metafísico. Um ponto importante aqui é o aceno da linguagem como “instrumento”. Ora, a ênfase que Vattimo dá à palavra “instrumento” não é à toa; pela sua veia heideggeriana, falar de linguagem como “instrumento” poderia sugerir que ela é o ente pelo qual o *Dasein* compreende o mundo objetivo, mas essa não é uma conclusão possível na hermenêutica, já que isso levaria a linguagem a ser um ente entre outros e, portanto, impossibilitando a própria compreensão. O emprego da linguagem como “instrumento” é um erro e não é a intenção de Vattimo assumi-la, pelo contrário, é sua intenção evitar que a noção de *medium* que Gadamer dá à linguagem recaia sobre essa significação, já que isso não encontraria respaldo em Gadamer, muito menos em Heidegger. Por isso, Vattimo coloca “instrumento” com a utilização das aspas, para fugir de uma possível adequação à utilização heideggeriana do termo quando se refere ao uso dos objetos na autenticidade do *Dasein*. E, por fim, também é possível concluir deste parágrafo que a linguagem entendida como *medium* deve ser lida como *morada do ser*. O *medium* pelo qual o ser se revela é sua própria morada, conclusão que Vattimo retira possivelmente da leitura da *Carta sobre o humanismo* de Heidegger (2008b, p. 326-376).

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

Neste ponto, já podemos observar que a posição de Vattimo se distancia bastante das interpretações mais comuns acerca da obra de Gadamer e ele mesmo reconhece isso. Em seu já referido texto, ele contrasta sua posição com a posição de Jean Grondin, para o qual tradução da obra deveria ser “neutra” para que se deixe ser interpretada posteriormente pelo leitor que a confronta, o que resultaria numa não ênfase do problema da ontologia na frase gadameriana que aqui estamos comentando. Vattimo entende que essa posição de Grondin (2007), e de outros, se deve ao fato de que Gadamer nunca deixou claro que a afirmação “*ser é linguagem*” fosse uma abordagem definitiva, isso porque ele se preocupava com os possíveis desdobramentos pós-modernistas dessa tese ou mesmo que ele poderia ser considerado um “idealista empírico” (VATTIMO, 2005, p. 48). Isso se faz ver ao lado da posição de Gadamer por entender que há uma pré-compreensão *adequada à coisa-mesma* (a tradução entraria, portanto, nesse mesmo sentido de buscar termos *adequados* ao texto original, por isso, neutros). O que isso significa ontologicamente é que todo ente possui uma linguagem própria e a hermenêutica seria a busca por essa *linguagem da coisa-mesma*.

Grondin (2007, p. 244) explica essa posição de Gadamer afirmando que os fatos ou entes são “atravessados” pela interpretação e “isso significa que não existem fatos sem uma certa linguagem que os exprime”. Colocando-se como crítico à leitura vattimiana de Gadamer, Grondin (2007, p. 247) leva a cabo a necessidade de se pensar a coisa mesma a partir do que está entendido como *ontologia da linguagem* e, nessa direção, afirma: “Em verdade, o ser pode ser compreendido apenas através da linguagem, mas é ainda um ser a ser compreendido, não uma projeção”. Em resumo, o que Grondin quer dizer à filosofia de Vattimo é que o ser se revela na interpretação da *coisa-mesma*, mas não é ele reduzido à interpretação dada pela linguagem, o ser resiste à redução. Grondin (2007, p. 251) chega a afirmar isso categoricamente: “não é verdade que o ser e a sua linguagem possam ser reduzidos a nossa linguagem. Se fosse assim, não poderia ser explicado porque uma visão de ser muito unilateral pode ser corrigida. É o ser mesmo que é compreendido na linguagem”. Neste sentido, do ser mesmo nada há o que dizer e ele, em realidade, seria sempre uma *interpretação* que põe seu significado de ser cada vez mais à luz. Gadamer demonstra essa “mostração” do ser na linguagem por meio da experiência da obra de arte, a interpretação de uma obra é sempre uma interpretação do ser da obra, na interpretação se chega à *coisa-mesma* da obra, não haveria, portanto, uma obra mais perfeita que outra. Assim também é a experiência hermenêutica cotidiana, a interpretação da coisa é já o ser da *coisa-mesma*. Vattimo está de acordo com Gadamer até aqui, mas é justamente por não desenvolver essa posição em sentido ontológico nülísta radical que ele entende os limites de seu professor. E é aqui também que Vattimo e Grondin divergem. O filósofo italiano ainda enxerga que a obra de Gadamer poderia cair em um relativismo quando não responde de forma suficiente ao problema da pré-compreensão; o relativismo hermenêutico seria um problema, já que categorizaria “a hermenêutica como uma pura filosofia da multiplicidade irreduzível das perspectivas” (VATTIMO, 1999, p. 131). No entanto, a posição de Vattimo é de que “a hermenêutica só se configura como relativismo puro e perigosos se não levar suficientemente a sério as próprias implicações nülísta” (VATTIMO, 2019, p. 88).

Gadamer retoma o parágrafo 63 de *Ser e Tempo*, no qual Heidegger (2012, p.847-863) faz a distinção entre existência autêntica e existência inautêntica. A existência inautêntica seria aquela que se relaciona com as coisas como *objetos (Gegenstanden)* dados, sem pertencimento à historicidade do *Dasein*; já a existência autêntica tem consciência de seu horizonte histórico que é um horizonte hermenêutico pela qual as coisas vêm em seu *deixar-ser*. A atitude do *Dasein* nessa relação é sempre dialógica ou, como prefere Vattimo, é uma *conversação*. Assim, toda interpretação é um diálogo com a tradição-transmissão (*Überlieferung*), nós recebemos uma herança histórica à qual respondemos e na qual nossas pré-compreensões se movem. De acordo com Vattimo (2005, p.56), a posição de

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”: implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo**

TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

Heidegger em torno à autenticidade é a “[...] única base possível da adequação da pré-compreensão. Apenas debaixo da luz da projeção autêntica as coisas se mostram [...]”. O *Dasein* em sua relação com as coisas as entende sempre como instrumentos que possuem uma finalidade dentro dessa projeção do próprio *Dasein*. Nesta direção, Vattimo (2005, p57) ainda diz:

tudo isso significa que o verdadeiro ser ‘em si’ da coisa se revela apenas numa projeção apropriada por um *Dasein* determinado, cujo caso a autenticidade da existência seria unicamente um instrumento adequado para captar o ser como objetividade ‘pura’. Ao contrário, o que se sublinha insistentemente é que o ser não pode ser pensado como dado objetivo, independente, da coisa-objeto”.

E continua:

Pois bem, a única “objetividade” do ser que se pode pensar, ao contrário, se se deseja permanecer fiel às premissas heideggerianas, é a que se impõe ao *Dasein* como sua vocação e sua herança, como voz do outro que fala na herança histórico-cultural, na *Überlieferung*, em direção a qual o *Dasein* autenticamente aberto se dirige, não como um contemplador passivo, mas como projeção decisiva e decidida. O “verdadeiro” ser é o que se dá ao *Dasein* nesta relação de escuta-interpretação, *não a coisa-mesma que se apresentaria em sua imediatez e para a qual o intérprete deveria encontrar automaticamente uma palavra adequada.* (VATTIMO, 2005, p. 57-58, último grifo nosso).

Aqui se pode ver que aquela torção que Vattimo faz na filosofia de Gadamer da qual falávamos antes é uma “torção heideggeriana”. Vattimo resgata o aspecto ontológico do mote gadameriano para dar uma ênfase heideggeriana que Gadamer parece não ter levado a cabo. Por isso, a conclusão que Vattimo chega na citação supra referenciada é uma crítica a Gadamer e aos seus comentadores que não desenvolveram o aspecto ontológico radical da hermenêutica gadameriana: a verdade do ser não é a *coisa-mesma*, mas a *relação de escuta-interpretação*, isto é, a forma como o *Dasein* autenticamente responde ao ser em seu projeto-lançado. Por isso, Vattimo ainda sugere que se leia a frase “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*” como uma outra forma da expressão de Heidegger (2012, p.634) em *Ser e Tempo*: “*Sein - nicht Seiendes – gibt es’ nur, sofern Wahrheit ist. Und sie ist nur, sofern und solange Dasein ist*” – “Só se dá ser – não ente – na medida em que verdade é. E esta só é na medida e enquanto o *Dasein* é” (HEIDEGGER, 2012, p. 635). Essa sugestão do filósofo italiano é para caracterizar que *Sein* não pode ser comparado com *Seiendes*, isto é, ser *não é* ente. A verdade do ser é a verdade do *Dasein* e ele só pode ser compreensível e ser linguagem nesta apreensão, mas nunca como *coisa-mesma*. Para que o ser se revele assim, é necessário que o ente se encubra como ente. Assim também se deve encobrir a realidade “neutra” do ente, de que fala Gadamer-Grondin, que se revela na cotidianidade imediata e para qual o intérprete encontra a palavra adequada para dizê-lo. É só por meio da autenticidade que se chega ao ser como projeção e nega que o ente possa vir a ser compreendido como ser, isto é, nega qualquer possibilidade de que a *coisa-mesma* tenha em si uma *ontologia da linguagem*. Por isso, Vattimo (2005, p.

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo  
TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

61) ainda avança sobre o enunciado e indica que “o *kann* da frase de Gadamer é, por sua vez, um *darf* e um *soll*, indica essa possibilidade autêntica que ressoa no *nicht Seindes* de *Sein und Zeit*”. Isso significa que o “pode ser” é um “deve ser”, assim, “*Ser que deve ser compreendido é linguagem*”. Essa possibilidade não é a possibilidade da capacidade da interpretação, mas é possibilidade articulada na decisão do *Dasein*, em sua abertura histórico-destinal, e aqui o ser se dá como uma *possibilidade que deve ser compreendida como linguagem*.

## CONCLUSÃO

As provocações levantadas no artigo sugerem que há uma distinção fundamental entre a leitura vattimiana da obra de Gadamer e de outros comentadores do filósofo alemão. Isso porque Vattimo ao traduzir *Verdade e Método* do alemão para o italiano depara-se com a dificuldade em passar às línguas neolatinas a frase “*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*”. Sugerimos que por meio dessa passagem às línguas neolatinas que o sentido ontológico radical (isto é, niilista) da afirmação de Gadamer pode vir à tona, a isso, chamamos *latinização*, apropriando-nos e torcendo o significado que Jean Grondin dá ao termo em seu texto crítico ao pensamento de Vattimo. Enquanto aquele que opera a *latinização* da hermenêutica, Vattimo avança com as teses gadamerianas para além do que se chamaria de uma *ontologia da linguagem* (qual está sempre a compreender que há ser fora da linguagem que pode não ser captado). Este “para além” estará em assumir a linguagem como ontologia e ontologia como linguagem, pela qual só há ser na medida em que há linguagem e só há linguagem na medida em que há *Dasein*. Ser e linguagem não precedem o *Dasein*, mas o constituem. Na esteira de Heidegger, Gadamer e Vattimo abordam a relação entre *ser* e *linguagem*. No âmbito desta relação, Gadamer enfatiza a linguagem como o fundamento intermediário ao fenômeno da compreensão. Para aprofundar as implicações do pensamento de Gadamer e, simultaneamente, assumir sua interpretação, Vattimo adota uma posição categórica ao afirmar que o *ser é linguagem*, argumentando que qualquer interpretação alternativa implicaria um retorno aos resquícios metafísicos que a filosofia hermenêutica se esforça por superar (*Verwindung*).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Custodio Luís Silva de; FLICKINGER, Hans-Georg; ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans Georg Gadamer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- DI CESARE, Donatella. **Gadamer: A philosophical portrait**. Tradução de Niall Keane. Indiana: Indiana University Press, 2013.

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo  
TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

DI CESARE, Donatella. **L' essere, che può compreso, è linguaggio.** Genova: il Melangolo, 2001.

DUTT, Carsten. **En conversación con Hans-Georg Gadamer.** Presentación y traducción de Teresa Rocha Barco. Madrid: Tecnos, 1998.

GADAMER, Hans- Georg. **Verdade e método.** Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer: Petrópolis: Vozes, 1999a.

GADAMER, Hans- Georg. **Verdade e método II.** Trad. Enio Paulo Giachini: Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans- Georg. **Verdad y método.** Fundamentos de una hermenéutica filosófica. Trad. Ana Agud Aparicio e Rafael de Agapito: Salamanca: Sígueme, 1999b.

GADAMER, Hans- Georg. **Verità e metodo.** Tradução e introdução de Gianni Vattimo. Milão: Bompiani, 1983.

GADAMER, Hans- Georg. **Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik.** 6. ed. Gesammelte Werke, Bd. 1. Tübingen: Mohr Siebeck, 1990.

GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica.** Traduzido por Benno Dischinger. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1999.

GRONDIN, Jean. “Vattimo e la latinizzazione dell’ermeneutica. Perché Gadamer há resistito al postmoderno?”. In: ZABALA, Santiago (Org.). **Una filosofia debole. Saggi in onore di Gianni Vattimo.** Milano: Garzanti, 2007, p. 238-251.

HEIDEGGER, Martin. “A essência do fundamento (1929)”. In.: HEIDEGGER, Martin. **Marcas do caminho.** Tradução de Enio Paulo Giachini e Emildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2008a, p. 134-188.

HEIDEGGER, Martin. “Carta sobre o humanismo (1946)”. In: HEIDEGGER, Martin. **Marcas do caminho.** Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008b, p. 326-376.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Edição Bilingue. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. Campinas/SP: Editora Unicamp; Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2012.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger.** Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto Saraiva. **10 Lições sobre Gadamer.** Petrópolis: Vozes, 2017.

MAGALHÃES, Viviane Pereira. Sobre a tese “ser que pode ser compreendido é linguagem”: hermenêutica como teoria, p. filosófica. *In: Cadernos de filosofia alemã.* São Paulo, v. 20, n. 2, p. 157-178, jul./dez. 2015.

**“Ser (,) que pode ser compreendido (,) é linguagem”:** implicações hermenêuticas da latinização do pensamento de Hans-Georg Gadamer por Gianni Vattimo  
TORRES NETO, Jungley de Oliveira; SOUTO, Felipe de Queiroz

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969.

RIPANTI, Graziano. **Essere e linguaggio**. Una Lettura della terza parte di Verità e método di Hans- Georg Gadamer. Urbino: Quattro Venti, 2001.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2003.

STRECK, Lênio Luiz. **Hermenêutica jurídica em crise**: uma exploração hermenêutica da construção do Direito. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1999.

THOMAS, Rogi. Being. In: MORO, Simonetta. **The Vattimo Dictionary**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2023, p. 36-39.

VATTIMO, Gianni. **Da Realidade**. Finalidades da filosofia. Tradução de Klaus Brüscke. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.

VATTIMO, Gianni. “Historia de una coma. Gadamer y el sentido del ser”. In: **Éndoxa**, Madrid, n. 20, 2005, p. 45-62 In: *Universidade de Turin*, 1(20), p. 45-62, 2005. <http://e-spacio.uned.es/fez/view/bibliuned:Endoxa-20052A056B50-9AF6-61F6-6BF0-B32FA3B6F607> (Acesso em 23/02/2024).

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1989.

VATTIMO, Gianni. **O Fim da Modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VATTIMO, Gianni. **Para Além Da Interpretação**: O Significado da Hermenêutica Para a Filosofia. Tradução de Raquel Paiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

VATTIMO, Gianni. **Scritti Filosofici e Politici**. Milano: La nave di Teseo, 2021.

VATTIMO, Gianni; PATERLINI, Piergiorgio. **Não ser Deus**: uma autobiografia a quatro mãos. Tradução de Federico Carotti. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.

VATTIMO, Gianni; ZABALA, Santiago. **Comunismo hermenêutico**: de Heidegger a Marx. Traducción de Miguel Salazar, Barcelona: Editorial Herder, 2012.

ZAWADZKI, Andrzej. Pietas. In: MORO, Simonetta. **The Vattimo Dictionary**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2023, p. 149-150.